

Entrevista com **Cecília Coimbra**, psicóloga, presidente do Grupo Tortura Nunca Mais-RJ e professora da Universidade Federal Fluminense.

1) Por que os meios de comunicação n o Brasil não são democráticos?

O Guatarri (o psicanalista Félix Guatarri) dizia que, hoje, uma das coisas mais importantes no sentido de dominar o outro, povos, populações - mais importante do que fazer uma guerra - é produzir subjetividades, produzir modos de viver e existir. Para dominar o outro é preciso controlá-lo. É como Deleuze (o filósofo Gilles Deleuze) fala: nós vivemos na sociedade do controle, tudo é supercontrolado. Então, Guatarri vai dizer o seguinte: hoje, na sociedade contemporânea, talvez um dos dispositivos mais importantes de se produzir modos de viver, subjetividades, sejam os meios de comunicação de massa. Eles produzem modos de viver, de estar, de sentir, modos de existir no mundo. Os meios de comunicação de massa emergem, no capitalismo, como um braço defensor das subjetividades capitalísticas. Obviamente, não há nada de democrático nisso.

Então, quando os grandes meios de comunicação pendem para determinada concepção de mundo, com uma determinada concepção de homem, de sociedade, que é o que o capitalismo prega, eles não são democráticos. Daí dizermos que precisamos democratizar os meios de comunicação, o que é muito difícil em uma sociedade capitalista como a nossa. Mas eu acho que temos que continuar brigando por isso. O que não quer dizer que não existam brechas por onde as coisas fogem, escapam, que é o que chamamos de mídia alternativa, independente. Estes são pequenos grupos que estão mostrando outras coisas. O que os meios de comunicação fazem é mostrar ou produzir uma realidade que interessa ser mostrada. O que não aparece na mídia é como se não tivesse existido. Como ela está sempre produzindo uma realidade, isso não pode ser democrático. Então é preciso mudá-los para que eles sejam democráticos.

Há também as concessões de rádio, de televisão, que são concessões públicas dadas sempre às mesmas pessoas, aos mesmos grupos econômicos. Quando eu fiz minha pesquisa para o pós-doutorado, fiz uma análise da mídia. O Paulo Sérgio Pinheiro falava que até 2000, cinco ou seis famílias dominavam os rádios no Brasil.

2) Como você vê a Conferência Nacional de Comunicação nesse contexto?

Acho que ela é importante, embora tenha limites, como toda a coisa instituída tem limites. O que não quer dizer que não queremos participar delas, fazer uma análise. É até válido participar delas, porque, senão, podemos estar sendo usados. Acho importante a participação como forma de pressão, como forma de ter efetivamente uma distribuição mais equitativa. Quando falamos de mídia e produção de subjetividades, a questão fica complexa, porque se for só para distribuir mais para mais pessoas terem um maior controle dos meios de comunicação então não adianta. Agora, a questão é: que função esses meios de comunicação têm hoje na sociedade capitalista? Temos que colocar isso em análise, em xeque. E nisso a participação popular é importantíssima, porque esse controle tem que ser da população. O povo que, através de comitês ou outras formas, tem que controlar isso. Não pode é ficar na mão de alguns. E também saber o que está sendo produzido. Que realidades interessam para eles produzirem coisas.

3) Isso seria o chamado controle social?

Também, justamente. Não podemos mitificar, encarar como uma verdade absoluta. O controle social deve ser exercido por comitês, representações, até porque a própria política é representativa do capitalismo. Temos que tomar cuidado com isso, senão podemos ser usados e aparece o discurso: “está vendo, a comunicação está democratizada”. O Edson Passeti, o cientista político, fala o seguinte: hoje, no capitalismo contemporâneo, vivemos a era da democratização, da participação, a era dos direitos. Quer dizer, as armadilhas estão aí: “venham participem todos”. Aí, participamos, acreditando que estamos dando uma enorme contribuição para alguma coisa, mas vemos que estão utilizando nossa energia para uma coisa que, na realidade, não estamos controlando.

Não é para não participarmos de nada. Acho que devemos ir à Conferência e fazer avançar aquilo que, no capitalismo, precisa avançar: que função têm os meios de comunicação e como podemos monitorar sem fazer censura - porque todas as ideias têm o direito de estar aí. A pior coisa é impedir que uma ideia diferente da sua circule.

4) Como a Psicologia é afetada pela mídia? Como ela pode contribuir para a democratização da Comunicação?

Eu acho que tudo que sai pelo mundo diz respeito ao trabalho do psicólogo. E ele tem que estar muito alerta porque é muito ingênuo politicamente. Isso vem da própria formação. Eu falo isso como responsável em parte por isso, como professora da UFF, mas a formação do psicólogo vem de uma ingenuidade política muito grande. O que, na realidade, é uma certa política, conservadora, que ainda acredita na neutralidade, na objetividade do profissional.

Hoje, a questão dos meios de comunicação de massa é fundamental para podermos entender o mundo que vivemos, que pessoas são estas que atendemos. Esse mundo é constantemente produzido pelos meios de comunicação de massa. Então, o psicólogo precisa ficar atento porque produzem subjetividades nele e ele também produz nos outros. Ele é produto e produtor, o tempo todo. Se não ficar atento, ele vai ser manipulado por essas subjetividades dominantes que estão aí, inclusive fortalecendo isso.

Acho que temos tudo para colaborar com a democratização dos meios de comunicação, democratização no seu sentido mais amplo, colocando em análise a produção de subjetividades. Qualquer profissional tem que estar preocupado com isso, que é o que chamamos em análise institucional e análise de implicação. Isso é uma das coisas principais do psicólogo: colocar em análise o que estamos produzindo quando ingenuamente acreditamos no que os meios de comunicação de massa estão dizendo. O que eu estou produzindo com as minhas práticas com as pessoas com as quais eu estou lidando? Que implicações eu tenho com isso?

5) Que tipo de contribuições a Psicologia pode dar nessa discussão?

Todas. Se entendermos a Psicologia como o estudo das subjetividades que estão no mundo - o que é uma coisa amplíssima -, ela emerge com o princípio de ter maior controle, quer dizer, conhecer as pessoas para poder controlá-las. Ela acha que vai chegar a uma verdade do indivíduo, entrar nele e saber o seu interior, ver o que ele é

para saber a sua verdade e dizer o que é melhor para ele. Com forte dose de ironia, é isso que, *grosso modo*, o psicólogo faz é a pretensão que ele tem. Acho que temos que pensar a Psicologia como forma de estar ali dando passagem a energias que estão no mundo, de poder entender que mundo é esse, que coisas são essas com as quais ela está trabalhando, que até esse homem foi datado, produzido, e ver que ele nem sempre será assim, que está no mundo em constante mudança.

Então, essas forças estão aí, nos atravessando e nos constituindo, e o psicólogo tem todo o material no sentido de entender que movimentos são esses que estão ocorrendo no mundo, nesse homem que ele está atendendo, nos estabelecimentos em que atua, para que ele possa pensar que subjetividades são essas que estão sendo produzidas e se ele está colaborando ou não, se ele está tentando produzir e fortalecer outras coisas. É uma coisa bem ampla e de qualquer área de atuação do psicólogo. Se ele não tiver isso bem claro, que esse mundo está em constante mutação, que ele está em constante mutação, e se ele se apegando dogmaticamente aos ensinamentos que a Psicologia transfere para ele, ele está perdido. Ele não pode pegar nenhum desses ensinamentos de forma fechada. É tentar pegar isso como ferramenta - os conceitos são ferramentas que servem para entendermos melhor o mundo. E cada psicólogo, dentro do seu setor, pode especificar melhor quais as ferramentas vai utilizar no cotidiano.

6) Como você a participação do psicólogo na mídia?

O psicólogo ser chamado pela mídia a falar de tudo é reprodução dessas práticas. Nós, psicólogos, temos nos colocado arrogantemente como os donos da verdade, como aqueles que vão dizer o que é melhor pra determinado grupo. Nós reproduzimos isso, essa demanda de que entendemos de tudo... nós somos os responsáveis por isso. A gente tem que estar fazendo uma análise das nossas implicações a todo o momento. Todo mundo tem que passar por uma análise de implicação. Que efeitos nossas práticas estão produzindo no mundo? O psicólogo é muito responsável por isso, que ele pode falar sobre tudo, que ele sabe de tudo. Meu conselho, de repente, é não aceitar a demanda da mídia.

7) Como esse debate está atravessado na universidade?

Essa questão não tem estado muito presente na universidade. Na área da Psicologia, não tem havido muitos trabalhos sobre isso. Tanto que eu fiquei muito contente quando eu descobri, dentro do Conselho Federal, essa participação, porque o psicólogo tem de estar inserido nisso, ele tem condições não só críticas - com todas as ferramentas desses autores - para colocar os próprios meios de comunicação em análise. A Psicologia da UFF, por exemplo, está presente nos cursos de comunicação, e eu acho isso importantíssimo como contribuição para a comunicação. É até uma forma de esses profissionais de comunicação entenderem o poder que eles têm nas mãos, como nós psicólogos temos. É um poder terrível, do qual não nos damos conta. São esses poderes de produzir modos de viver e existir, que são hegemônicos na sociedade capitalista. É importante isso estar na universidade, que possamos colaborar de alguma forma e que a possamos trabalhar mais junto com o profissional da comunicação.

8) A televisão e outras tecnologias de comunicação afetam o modo de as pessoas se relacionarem?

Depende do uso que é feito. Hoje, a TV, o computador e outros meios de comunicação estão aí ocupando lugares nos relacionamentos pessoais. Um filme muito bonito que fala sobre isso é o “Denise está chamando”. Ele mostra como com essa questão da velocidade, do capitalismo cada vez mais veloz, essa coisa cada vez mais informacional, as pessoas se isolam umas das outras, ficam sozinhas. Esse é o mundo que produzimos hoje: o mundo da solidão, do distanciamento, da falta de solidariedade, do dane-se quem estiver do meu lado. E não são só as relações familiares que estão sendo modificadas. Eu não estou aqui para dizer se isso é bom ou ruim; estou aqui para refletirmos o que podemos fazer diante disso. Não podemos ignorar essa realidade, mas, diante dela, ver o que podemos fazer.